

O CAÇADOR DE LIVROS

No inverno de 1417, Poggio Bracciolini percorria as florestas montanhosas e os vales do Sul da Alemanha rumo ao seu destino distante – um mosteiro que conservava uma coleção de manuscritos antigos. Como deve ter sido evidente para os aldeãos que da porta das suas cabanas o viam passar, o homem era um forasteiro. De compleição franzina⁴ e rosto glabro, trajava, talvez com modéstia, uma túnica e uma capa simples mas de bom corte. Não era decididamente um camponês; no entanto, não se assemelhava aos moradores da cidade ou aos membros da corte que os habitantes estavam acostumados a vislumbrar de tempos a tempos. Também não era decerto um cavaleiro teutónico, pois não trazia armas nem usava armadura de proteção – um golpe enérgico desferido por um bordão delgado derrubá-lo-ia com facilidade. Embora não aparentasse ser pobre, também não ostentava os sinais habituais de riqueza ou de classe social: não era um cortesão de vestes sumptuosas e cabeleira perfumada de longos caracóis, nem um nobre que saíra para caçar com falcão. E, como se tornava evidente pelas roupas que usava e pelo corte de cabelo, não era nem padre nem monge.

Nessa época, o Sul da Alemanha era próspero. A catastrófica Guerra dos Trinta Anos, que nesta região devastaria campos e destruiria cidades inteiras, estava ainda longe de acontecer, tal como os horrores que, no nosso tempo, destroçaram grande parte do que sobreviveu a esse período. Além de cavaleiros, cortesãos e nobres, outros homens importantes circulavam apressadamente pelas estradas movimentadas e cheias de sulcos. Em Ravensburg, perto de Constança, prosperava

o comércio do linho e a cidade começara recentemente a fabricar papel. Ulm, na margem esquerda do Danúbio, era um centro florescente de manufatura e comércio, bem como Heidenheim, Aalen, a aprazível Rothenburg ob der Tauber e ainda a mais formosa Würzburg. Burgueses, mercadores de lã, comerciantes de couro e tecidos, taberneiros e cervejeiros, artesãos e seus aprendizes eram também avistados com frequência, tal como diplomatas, banqueiros e cobradores de impostos. Ainda assim, Poggio não se enquadrava.

Havia outras figuras menos prósperas: jornaleiros, funileiros, amoladores e alguns cujos mesteres os forçavam a deslocar-se; peregrinos a caminho de santuários onde poderiam rezar perante um fragmento de osso de santo ou de uma gota de sangue sagrado; malabaristas, adivinhos, falcoeiros, acrobatas e mimos viajando de terra em terra; fugitivos, vagabundos e larápios. E havia os judeus, com os seus chapéus cónicos e emblemas amarelos, que as autoridades cristãs os obrigavam a usar de modo a serem facilmente identificáveis como objeto de desprezo e ódio. Poggio não era decerto um deles.

Para quem o visse passar, Poggio seria uma figura deveras desconcertante. Nessa época, as pessoas costumavam exibir a sua identidade, o seu lugar na hierarquia do sistema social, por meio de sinais de fácil compreensão, como marcas indeléveis nas mãos de um tintureiro. Poggio era praticamente indecifrável. Um indivíduo isolado, desligado de estruturas familiares e profissionais, fazia muito pouco sentido. O importante era o meio a que se pertencia ou a quem se pertencia. Os versos que, no século XVIII, Alexander Pope escreveu, fazendo troça de um dos pequenos cães da rainha, podiam aplicar-se na perfeição ao mundo em que Poggio vivia:

Em Kew, sou o cão de Sua Majestade.

E você, quem é o seu dono?

A casa familiar, a rede de parentesco, a guilda ou a corporação eram os alicerces da individualidade. A independência e a autoconfiança não tinham valor cultural; de facto, nem sequer eram imaginadas, quanto mais valorizadas. A identidade sobrevinha da posição precisa e bem compreendida que o indivíduo ocupava na cadeia de comando e obediência.

Tentar quebrar a cadeia era uma insensatez. Um gesto impertinente – a recusa em fazer a vénia, ajoelhar ou descobrir a cabeça perante

determinada pessoa – podia ter como consequência um nariz rachado ou um pescoço partido. E qual era, afinal, o objetivo? Não é que existissem alternativas coerentes, sobretudo nenhuma proposta pela Igreja, pela corte ou pelas oligarquias municipais. Era preferível aceitar humildemente a identidade a que se estava destinado: o lavrador devia apenas saber lavrar, o tecelão tecer, o monge rezar. Essas atividades podiam, como é evidente, ser mais ou menos bem desempenhadas, e a sociedade em que Poggio vivia reconhecia e até recompensava as aptidões invulgares, mas valorizar alguém por possuir uma individualidade incompreensível, por ter vários interesses ou por acalantar uma curiosidade intensa era um caso quase desconhecido. Com efeito, a Igreja considerava a curiosidade um pecado mortal⁵. Satisfazer essa curiosidade era arriscar passar a eternidade no inferno.

Quem era então Poggio? Porque não anunciava ele de modo visível a sua identidade, tal como normalmente o faziam as pessoas respeitáveis? Não usava insígnias nem transportava fardos de mercadorias. Exibia o ar confiante de alguém habituado à sociedade dos grandes, embora ele próprio fosse, claramente, uma figura de pouca importância social. Toda a gente conhecia o aspeto de uma pessoa importante, pois a sociedade dessa época era uma sociedade de vassalos, de guardas armados e de criados de libré. O forasteiro, trajado com sobriedade, viajava com um companheiro. Quando se detinham nas estalagens, era o companheiro, que aparentava ser seu assistente ou criado, quem se encarregava de formular os pedidos; quando o senhor falava, percebia-se que não dominava o alemão e que a sua língua nativa era a italiana.

Caso Poggio tivesse tentado explicar a algum curioso o que andava a fazer, o mistério da sua identidade adensar-se-ia ainda mais. Numa cultura com uma literacia muito limitada, o facto de alguém se interessar por livros era, por si só, uma excentricidade. E como poderia ele explicar a natureza ainda mais extravagante dos seus interesses? Poggio não procurava livros de horas, missais ou hinários, cujas magníficas iluminuras e encadernações deslumbrantes alardeavam o seu valor até para os iletrados. Esses livros, alguns dos quais incrustados com pedras preciosas e com o corte das folhas dourado, eram por vezes guardados em caixas especiais ou acorrentados a estantes e prateleiras para não serem furtados por leitores de mão mais leve. Todavia, não tinham qualquer atrativo para Poggio, nem ele sequer se interessava por tomos

teológicos, médicos ou jurídicos, que eram os famosos instrumentos das elites profissionais. Essas obras tinham o dom de impressionar e intimidar até mesmo quem não as podia ler, pois possuíam uma magia social, associada particularmente a acontecimentos desagradáveis: um processo judicial, um inchaço doloroso na virilha, uma acusação de bruxaria ou heresia. Uma pessoa vulgar ter-se-ia agarrado energicamente a esses volumes e assim compreendido a razão de alguém inteligente andar em busca deles. Mas, mais uma vez, a indiferença de Poggio era desconcertante.

O forasteiro dirigia-se a um mosteiro; porém, não era nem padre nem teólogo nem inquisidor, e não andava em busca de livros de orações. Procurava manuscritos antigos, muitos deles bafientos, carcomidos pelos vermes e quase indecifráveis, até mesmo para o leitor mais experiente. Caso as folhas de pergaminho se conservassem intactas, esses livros ainda possuíam um determinado valor comercial, visto que as folhas poderiam ser cuidadosamente raspadas com uma faca, amaciadas com pó de talco e reescritas. Contudo, Poggio não estava interessado em adquirir pergaminhos e abominava mesmo os que raspavam documentos antigos. Queria saber o que estava escrito neles, mesmo que a letra fosse ininteligível e difícil, e interessava-o sobretudo manuscritos com mais de 400 ou 500 anos, redigidos no século *x* ou antes.

Na Alemanha, a todos, à exceção de um punhado de pessoas, esta demanda, tal como Poggio a descreveria, teria parecido excêntrica; e pareceria ainda mais bizarra se ele explicasse que não estava efetivamente interessado no que fora escrito há 400 ou 500 anos. Ele desprezava essa época, que considerava um sumidouro de superstição e ignorância. O que esperava encontrar, na realidade, eram palavras que nada tinham que ver com o momento em que foram postas por escrito nos velhos pergaminhos, palavras que, no melhor dos casos, não teriam sido contaminadas pelo universo mental do modesto escriba que as copiou. Esse escriba, esperava Poggio, copiara zelosa e fielmente um pergaminho ainda mais antigo, escrito por outro escriba cuja humilde vida era também desprovida de qualquer importância para o caçador de livros, a não ser por ter deixado ficar o seu rasto. Se continuasse com sorte nesta busca quase miraculosa, o manuscrito anterior, há muito feito em pó, era por sua vez cópia fiel de um outro ainda mais antigo, e esse seria a cópia de um outro. Por fim, a procura tornou-se excitante para Poggio, e no seu peito o coração do caçador começou a bater mais

depressa. A pista conduzia-o de regresso a Roma, não à Roma contemporânea da corte papal corrupta, das intrigas, da instabilidade política e dos surtos periódicos de peste bubónica, mas à do Fórum e da Casa do Senado e da língua latina, cuja beleza cristalina o maravilhava e o fazia ansiar por um mundo perdido.

Em 1417, no Sul da Alemanha, faria isto sentido para uma pessoa com os pés assentes na terra? Ajuizando Poggio, um homem supersticioso teria suspeitado de bibliomancia, um tipo particular de feitiçaria; um homem mais sofisticado poderia diagnosticar bibliomania, uma obsessão psicológica; um homem piedoso poderia interrogar-se que motivo levaria uma alma a sentir-se atraída com tanta intensidade por uma época de homens pagãos e incultos que ainda desconheciam as promessas de redenção do Salvador. E todos teriam feito a pergunta óbvia: este homem serve quem?

O próprio Poggio poderá ter sido fortemente pressionado a dar uma resposta. Até pouco tempo antes servira o papa, tal como anteriormente servira outros pontífices romanos. Era um *scriptor*, ou seja, um escriba especializado em documentos oficiais da burocracia papal, que, com habilidade e sagacidade, ascendera à cobiçada posição de secretário apostólico. Era ele quem escrevia as palavras do papa, registava as suas decisões soberanas e redigia em latim elegante a sua extensa correspondência internacional. Num ambiente formal de corte, no qual a proximidade física com o senhor absoluto era uma vantagem essencial, Poggio era um homem importante. Escutava o que o papa confidenciava ao seu ouvido e segredava-lhe em resposta; conhecia-lhe o significado do sorriso ou do sobrolho franzido. Acedia, tal como a própria palavra «secretário» indica, aos segredos do papa. E este papa tinha muitos segredos.

No entanto, à época em que viajava em busca de manuscritos antigos, Poggio já não era secretário apostólico, não porque desagradasse ao seu senhor, o papa, ou porque ele tivesse morrido, mas porque tudo tinha mudado. O papa que Poggio servira e perante quem os fiéis (e os menos fiéis) tremeram encontrava-se, nesse inverno de 1417, encerrado numa prisão imperial em Heidelberg. Destituído do seu título, do seu nome, do seu poder e da sua dignidade, caíra em desgraça pública, deposto pelos príncipes da sua própria Igreja. O «santo e infalível» Concílio de Constança declarou que o papa, pela sua «intolerável e indecorosa vida»⁶ cobrira de escândalo a Igreja e a Cristandade, sendo

inapto para continuar a exercer o seu alto cargo. Assim, o concílio desobrigou todos os crentes da fidelidade e da obediência para com ele. De facto, passou a ser proibido chamar-lhe papa ou obedecer-lhe. Na longa história da Igreja, com a sua impressionante quota de escândalos, um caso como este nunca acontecera – e jamais voltaria a acontecer.

O papa deposto estava ausente, mas Poggio, o seu ex-secretário apostólico, poderá ter testemunhado a destruição das insígnias pontificais quando o arcebispo de Riga entregou a um ourives o selo e as armas papais, que com solenidade as despedaçou. Todos os servidores do ex-papa foram formalmente dispensados, e a sua correspondência – a correspondência que Poggio organizara com tanta diligência – foi oficialmente terminada. O papa que adotara o nome de João XXIII deixara de existir, e o homem que usara esse título retomou o nome com que fora batizado – Baldassare Cossa. E Poggio era então um homem sem senhor.

No princípio do século xv, não ter um senhor a quem servir era para a maioria dos homens uma situação nada invejável, até mesmo perigosa. As populações das aldeias e das cidades olhavam com desconfiança os itinerantes; os vagabundos eram açoitados e marcados e, num mundo mal policiado, os desprotegidos que percorriam os caminhos solitários eram demasiado vulneráveis. Tornava-se evidente que Poggio não era um vagabundo. Sofisticado, extremamente habilitado, movimentara-se durante muito tempo no círculo dos grandes. Os guardas armados do Vaticano e do Castelo de Santo Ângelo deixavam-no passar pelos portões sem o questionar, e os que pretendiam favores da corte papal tentavam chamar a sua atenção. Ele tinha acesso direto a um governante absoluto, o fascinante e abastado senhor de vastos territórios, o qual se proclamava também chefe espiritual de toda a Cristandade ocidental. Nas câmaras privadas dos palácios, tal como na própria corte papal, o secretário apostólico Poggio era uma presença habitual, trocando chalaças com cardeais adornados de joias, cavaqueando com embaixadores e bebendo bons vinhos em taças de cristal e ouro. Em Florença, fora favorecido por algumas das figuras mais poderosas da Signoria, o corpo governante da cidade, e frequentara um círculo de amigos importantes.

Porém, Poggio não estava nem em Roma nem em Florença, mas na Alemanha, e o papa que seguira até à cidade de Constança achava-se na prisão. Os inimigos de João XXIII triunfaram e controlavam então o

poder. As portas que outrora se abriam a Poggio mantinham-se bem fechadas. E os que aspiravam ansiosamente por favores – uma dispensa, uma decisão legal, uma posição lucrativa para si próprios ou para um parente –, adulando o secretário como forma de adular o seu senhor, diligenciavam junto de outras pessoas. O rendimento de Poggio cessou abruptamente.

Esse rendimento fora considerável. Os escribas não recebiam uma quantia fixa, mas podiam cobrar taxas pela execução de documentos e obter o que era chamado «concessões de graça», ou seja, favores jurídicos em matérias que requeriam alguma correção técnica ou exceção garantida oralmente ou por escrito pelo papa. E, claro está, havia outras taxas menos oficiais, que deslizavam de forma privada para alguém a quem o papa prestasse atenção. Nos meados do século xv, o rendimento de um secretário era de 250 a 300 florins anuais, e quem tivesse um espírito empreendedor poderia auferir muito mais. No final do décimo segundo ano nesta função, o colega de Poggio, Jorge de Trebizonda⁷, arrecadara mais de quatro mil florins depositados em bancos romanos, além de avultados investimentos em imobiliário.

Nas cartas que escreveu aos amigos, Poggio afirmou sempre não ser um homem ambicioso nem ganancioso. Compôs um famoso ensaio atacando a avareza como um dos mais odiosos vícios humanos e denunciou a cupidez de monges hipócritas, príncipes sem escrúpulos e mercadores gananciosos. É um absurdo levar à letra todas estas afirmações: existem suficientes provas de que, mais tarde, quando regressou à corte papal, Poggio se aproveitou do seu cargo para enriquecer facilmente. Cerca de 1450⁸, Poggio colocara grandes quantias em bancos e casas comerciais e adquirira, além de um *palazzo* familiar e de uma propriedade rural, várias quintas, dezanove parcelas de terreno e duas casas em Florença.

A prosperidade financeira de Poggio demorou décadas a concretizar-se. Um inventário oficial (chamado *catasto*) compilado em 1427 pelos oficiais do fisco indicava ser Poggio um homem de meios modestos. E uma década antes, aquando da deposição de João XXIII, os seus bens eram com certeza muito inferiores. Efetivamente, esta avidez poderá ser entendida como uma reação à memória dos longos anos de privação, quando se encontrara no estrangeiro sem qualquer posição ou rendimento e com muito poucos recursos de reserva. No inverno de 1417, ao percorrer a região rural do Sul da Alemanha, Poggio fazia

pouca ou nenhuma ideia de onde poderiam vir os seus próximos florins.

Surpreendente é o facto de, durante este período difícil⁹, Poggio não ter tentado obter uma nova posição ou então regressado a Itália. Em vez disso, partiu em busca de livros.